

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreeve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida —Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis—Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 63

TERÇA-FEIRA 4 DE FEVEREIRO DE 1862

SEGUNDO ANNO

AVEIRO

Terminou na camara electiva a discussão sobre os tumultos de Lisboa dos dias 25 e 26 de dezembro ultimo. Venceu-se o parecer da commissão por 85 votos contra 43.

Na conclusão d'aquelle parecer dizia-se que o governo não tinha desmerecido da confiança do paiz com o seu procedimento, e meios que empregou para a repressão daquelles tumultos.

Pequena significação pode ter esta demonstração em favor do governo. Este enunciado pressupõe que o governo gosava da confiança publica, e declara que o seu procedimento naquelles dias a não diminuiu.

Parece-nos porém que as illações se não contém nos principios. Nem é assersão arbitraria esta a que avançamos,mas assenta em factos recentes, na mesma historia da discussão que findou, e no juizo uniforme dos órgãos da opinião do paiz.

Avultou naquella discussão o memoravel discurso do sr. José Estevam, que em rapida synthese stigmatizou o nosso systema de governo de ha muitos annos; demonstrando tambem que o ministerio actual estava muito distante de governar o paiz pelo modo que exigem as necessidades publicas, e pelo qual possamos mais facilmente chegar ao aperfeiçoamento material e moral de que esta nação é digna.

Que se dirá de um paiz, exclamou o sr. José Estevam, que ha vinte annos não tem governo, porque umas vezes está elle nas mãos de quem não sabe governar, outras de quem sabe, e não quer, e outras nas de quem não quer, e nem sabe?

Foram unanimes os applausos de todos os lados da camara, quando o orador proferiu, e desenvolveu esta proposição.

O ministerio actual era mais que muito comprehendido nesta censura, neste anathema parlamentar. A imprensa de quasi todas as parcialidades clamou que o sr. José Estevam tinha proferido verdades incontestaveis. Como é, porém, que pode seguramente estabelecer-se o principio de que o actual ministerio tem a confiança do paiz, quando a maioria da camara, quando até os jornaes do governo applaudiram freneticamente a sua reprovação?

Não desmereceu da confiança do paiz pelo modo porque se houve na occasião dos tumultos?

Pois se vós mesmos acabaes de applaudir a censura que se faz ao governo, com que logica votaes que o governo não desmereceu uma confiança que não tinha?

Póde perder-se aquillo que se não possui?

Não são assersões gratuitas o que escrevemos. Dos artigos de *Portuguez* e da *Opinião* que vão transcreever-se neste jornal, se verá o juizo que fizeram das verdades manifestadas na camara pelo sr. José Estevam, os dois órgãos da opinião publica, que mais tem defendido a administração actual.

E' certo que este paiz não pode progredir com o systema de governação, porque até hoje se tem dirigido; e se ha descrença nos homens de que se compõem as parcialidades politicas, e desconfiança nas suas aspirações e nos seus intuitos, será de bom tino pôr de parte o que a experiencia tem mostrado que nos desconvem, e encetar novo caminho, que nos leve aonde o paiz ançea para chegar.

O sr. José Estevam occupou mais uma vez a tribuna portugueza para a elevar, para a honrar, para a ennobrecer e exaltar aos olhos de nacionaes e estrangeiros.

Na sessão de hoje obteve a palavra, na questão dos tumultos de dezembro, esse grande vulto da nossa tribuna, e fallou com aquella illustração e aquelle esplendor, que todos esperavam de um homem tão illustre nos fastos da liberdade deste paiz.

A camara e as galerias ouviram hoje um discurso monumental em todo o sentido. Monumental pela sua significação politica, monumental pela sãs doutrinas politicas, monumental no estylo, monumental em summa, porque similhan-te discurso só por si faria a reputação e a gloria do sr. José Estevam, se ellas não estivessem já desde muito tempo feitas.

O discurso do sr. José Estevam foi o de um verdadeiro patriota, e de um homem, que tem a peito pugnar pela felicidade da sua patria.

O grande orador soube dizer o que sentia, mas sem rodeios, e sem empregar as armas da violencia e do insulto pessoal. Um ardente patriotismo abrazava o coração do grande orador, e por isso chamou a attenção da camara para os

interesses do seu paiz, aconselhando-lhe a maior cautella e prudencia para obstar aos progressos da reacção, e em todo o seu discurso tratou de affastar as questões pessoas.

O sr. José Estevam, bella alma, grande intelligencia, patriotismo ardente, revellou nesta discussão dos tumultos os seus generosos sentimentos, o seu amor da justiça, o seu horror ao crime. Nada menos era de esperar do sr. José Estevam, cujo nome não se acha ligado a nenhum acto de vingança nem de reacção.

Era bello vel-o hoje defender nobremente o exercicio de todas as liberdades. Foi sublime nas suas queixas moderadas contra aquelles, que lhe negaram o direito de se reunir com alguns amigos para tratar do negocios politicos.

O sr. José Estevam definiu os tumultos de dezembro, do seguinte modo: a anarchia da dor responde ao despotismo da morte. S. ex.ª tratou a questão de uma maneira propria do seu elevado talento, e do seu amor aos principios liberaes, aproveitando a occasião para stigmatizar o procedimento daquelles, que pregam o desalento e a descrença politica.

O distincto orador notou, que os excessos de 1839 tinham dado em resultado, mais tarde, a entrada dos estrangeiros no paiz, e que os desenvolvimentos de meios repressivos causam ordinariamente grandes males.

O sr. José Estevam declarou estar separado dos regeneradores, e que voltara para o campo dos seus antigos amigos, explicando nobre e independentemente a razão, que o levava a coadjuvar e auxiliar a regeneração.

S. ex.ª estranhou o procedimento da opposição na questão das irmãs da caridade.

Em quanto Portugal e a liberdade tiverem defensores da força de José Estevam, não devemos desesperar da causa da patria; e'la, quaesquer que sejam as circunstancias, será sempre salva pela efficacia da lei, pela perseverança dos seus defensores, e pela confiança dos cidadãos.

Dizemos, como dizia Manuel Passos em 1844: que todos temos errado. Façamos um esforço para acertar.»

«A camara dos deputados escutou hoje attentamente, e, por vezes com enthusiasmo, um dos discursos mais notaveis que se tem pronunciado em S. Bento.

Havia anciedade por ouvir o grande vulto parlamentar. O estado da camara, e a concorrência ás galerias demonstravam-a. A expectativa não podia ser maior; mas a realidade excedeu-a, porque foi immensa a impressão que deixou o discurso proferido pelo sr. J. Estevam.

Colocado n'uma situação especial, o nobre deputado por Aveiro, mostrou-se em quasi toda a sua eloquentissima oração apostolo zeloso dos mais aceites principios politicos, e defensor extrenuo das doutrinas que formam o credo da familia liberal.

Discorrendo sobre o nosso estado, e tomando a questão de longe e *ab alto*, S. ex.ª foi sempre elevado, expondo verdades incontrovertidas como as sentia, e despreendendo-se dos sentimentos partidarios, que prejudicam as melhores causas, e amesquinham os talentos mais robustos.

Na apreciação dos factos houve-se sempre com a maior cordura, e extrema delicadeza.

Somos insuspeitos fallando assim do illustre deputado, porque S. ex.ª nem faz parte da maioria, nem se declarou decididamente agrupado entre os homens que apoiam o ministerio.

Houve quem pretendesse mostrar que o paiz não estava identificado com as instituições liberaes; houve quem quizesse insinuar que este paiz não tinha vida, porque lhe faltava a sensibilidade.

O sr. José Estevam, traçando com inteira verdade o estado de excitação geral que tinham produzido em todo o paiz os acontecimentos dolorosos que o enlutaram, embora condemnando as demazias que nasceram d'esse sentimento n'um instante de desvario, vingou nobremente o paiz da injustiça com que era avaliado no seu amor pela dynastia e pela liberdade, e sepultou a immerecida injuria que lhe assacavam os que não conheciam, ou tentavam negar que este povo tinha vida, e energia, quando aliás não lhe adormecera o sentimento e a acção, nem lhe morrera n'alma o convencimento e a consciencia do que valia como nação livre e independente.

Seria difficil, se não impossivel, acompanhar o sr. José Estevam no seu longo, mas primo-

roso discurso, e seguiu-o passo a passo na sua digressão parlamentar, em que se occupou de tantos e tão variados assumptos. Entretanto, ha na sua oração pontos importantes e capitaes que não poderão esquecer nunca a quem o ouviu.

Vamos seguidamente publicar o discurso do sr. José Estevam, na sessão de 27 de janeiro.

Sentimos que elle fosse impresso com algumas incorrecções no «Diario de Lisboa», donde o transcreevemos, porque não foi revisto pelo orador que em muitos pontos não poude ser ouvido, como se vê da nota dos tachygraphos.

O sr. José Estevam: — Quem diria ha dois mezes que um estremecimento patriotico, a saudade intima, as apprehensões nacionaes viriam tão depressa substituir-se nesta casa por odios politicos, por paixões que pullulam de entre todas as parcialidades da camara, e de entre todas as escolas? !...

Quem diria que o zelo recalçado, as glorias, as defezas adiadas e as coleras reprimidas viriam desfechar depois de dois mezes de dor n'uma tempestade de recriminações, de odios e de referencias historicas?!... Dois mezes, disse eu! Dois mezes, quando ainda ha pouco um illustre orador pediu a prescripção de um anno para acontecimentos não simillhantes, mas parecidos com aquelles que ha pouco vimos! Basta para estes acontecimentos a prescripção de dois mezes, porque estes dois mezes nos dolorosos acontecimentos por que passámos, valem mais do que o espaço de um anno no campo semeado de saudades e assombreado de cyprestes noveis, mas frondosos.

Eu vejo entrar nesta discussão os doutores da legalidade, exprimindo sentimentos politicos, e applicando epithetos ignominiosos á auctoridade; vejo os doutores da lei citar com entono as prescripções do codigo administrativo, pretendendo esmagar com ellas não só o sentimento do paiz, mas o juizo da Europa! (Vozes:—Muito bem.)

Esta marcha, este plano é demasiadamente politico e demasiadamente elevado, o meu espirito rasteiro não pôde chegar lá. O sentimento nacional está reconhecido; os seus quilates foram elevados, mas talvez o seu caracter e as suas paixões não tivessem sido devidamente manifestadas.

Foi um sentimento nacional o que produziu uma insurreição cordial e espirital contra tudo o que existia estabelecido e regulado: foi uma insurreição contra os medicos, contra os enfermeiros, contra a auctoridade, contra os ministros, contra a côrte, contra os criados do paço, contra tudo! Foi a indignação praticada contra todas as etiquetas e praticas, subordinada ao sentimento intimo de salvar a dynastia por todos os modos e por todas as maneiras. (Apoiados. — Vozes: — Muito bem.)

Tendo visto esta manifestação magestosa, parei diante della e disse comigo—ao despotismo da morte responde a anarchia da dor. (Apoiados. — Vozes: — Muito bem.)

Tratou-se de impedir esta confusão de sentimentos, esta successão de delirios. Louvemos a Deus que não foi mais longe... (apoiados), e façamos disto bom uso, não condemnando essas manifestações de dor, salvas as demazias, contra as quaes eu queria a fulminação do parlamento, e que se desse toda a força ao poder executivo para sobre ellas fazer carregar a justiça do poder judicial, punindo os criminosos que se ingeriram nesta manifestação de dor. Não o digo eu; mas não de dizer, já o disseram, que tudo isso são bordões; phrase pequena para a grandeza do assumpto, porque cadaveres não são bordões. Este é o juizo imparcial e sentido dos acontecimentos e da situação tal como eu os entendi e segui. (Vozes: — Muito bem.)

Desculpámos nós uns aos outros todas as faltas de governo, todas as infracções de lei. Desculpámos as finanças segundo a gravidade da situação monetaria. Desculpámos as obras publicas pela novidade destes trabalhos. Desculpámos as demazias eleitoraes pela excitação das paixões politicas; e um homem notavel do nosso paiz que foi cabeça de uma situação, que eu respeitei, mas de quem discordei muitas vezes, chamava a isto *anarchia mansa*; mas esse homem era liberal e comprehendia a liberdade na sua organização, nas suas aspirações e nos seus delirios. A estas desculpas chamámos nós *bills* de indemnidade, e não ha ninguem que os não tenha recebido. A historia dos *bills* de indemnidade é a historia das desculpas frivolas e das victorias

dos partidos. Pois haja tambem um *bill* de indemnidade popular. Demos um *bill* de indemnidade a todos esses acontecimentos e a todos esses individuos que figuraram nelles, qualquer que seja a classe e a estação d'onde vieram. Para homens publicos é ridiculo resolver questões que tocam com pessoas pelos vestidos que ellas tem. Não sei se eram cauteleiros, não sei se eram homens de infima plebe; sei que eram creaturas com alma e coração, e que podiam ser levadas de um sentimento nobre e generoso. Haja pois um *bill* de indemnidade, levantem-se todos e dêem-n'o, porque todos os temos dado reverentemente uns aos outros debaixo de um chuveiro de *excellencias* (*riso*), e a vida publica não consiste nestas cortezias, consiste na applicação imparcial dos principios do governo a todas as classes, a todos os individuos, a todos os partidos (*apoiados*). Não se envergonhem, levantem-se todos e digam—*bill* de indemnidade para todos esses acontecimentos. E se tantos suffragios religiosos se têm dado á alma do rei defunto, dê-se-lhe mais este, que elle approvava-o se fosse vivo.

Vozes: — Muito bem, muito bem.

O Orador: — Não pense a camara que tenho n'isto intuito; eu digo o fundo do meu discurso.

Eu entendo que estes assumptos não deviam ser objecto de um debate desta natureza (*apoiados*). Digo-o na mais profunda e desinteressada convicção; digo-o como homem sem contacto com nenhuma entidade politica, longe dos acontecimentos, entregue á sua razão, e que já escreveu esta mesma opinião n'um humilde artigo que publicou sobre o mesmo assumpto. A minha opinião portanto não é suspeita. No que digo não ha a intenção de prejudicar nenhuma organização ministerial, nem ha a intenção de dar mais dois ou quatro dias de vida ao ministerio que está. Nem vejo o ministerio que está nem aquelle que ha de vir. Se pensam que fallo com outro intuito, enganam-se uns e outros.

Que se ha de dizer de um paiz onde os homens publicos de tantas escolas politicas e tão experimentados nos acontecimentos, se sobresaltam não com os brados da anarchia, mas com os vestigios d'ella, e que ensurdecem ha tanto tempo ao clamor unisono, implorando, do paiz inteiro, que pede que se lhe dê governo em todas as suas partes, em todas as suas applicações, e que se não juntem todos para condemnar, reprimir e estigmatizar um movimento de vida, embora irregular, mas que se sirvam delle como documento, como prova, como força politica para sentirem que um paiz que tem estes quilates no coração, com elle e por elle se podem emprender grandes cousas, e dar-lhe na Europa a posição consentanea com o seu genio, com a sua situação e com os seus recursos? Que se dirá de um paiz que ha vinte annos não tem governo? Ha vinte annos que não tem governo; e se querem eu indico as datas, os nomes, as ephemerides partidarias, as decadas historicas. Ha vinte annos que não tem governo, nem o pôde ter; porque umas vezes está o governo nas mãos de quem não sabe governar, outras vezes está nas mãos de quem sabe,mas não quer; e outras vezes tambem está nas mãos de quem não quer nem sabe (*riso*).

Este debate é magnifico, é maravilhoso, e para que houvesse a inversão completa de todas as regras, até o *Genueuse* foi o primeiro fulminado! Do nada, nada se faz. Pois da sociedade patriótica que, salvo o respeito devido aos membros que a compõem, é nada, fez-se tudo d'ella n'esta discussão, e para obviar aos seus desvios e para a conter, saíram os vestaes da propriedade, cujo officio o senso publico tem tornado desnecessario; saíram os cavalheiros da ordem publica, saíram os condestaveis da lei, que nós viamos ha muito tempo retirados da arena politica, e parecendo estremeecer de entrarem n'ella, saíram todos os espiritos predestinados a acatar as sociedades, e a destruirem com o seu zelo todos os fermentos de desordem e de anarchia, e clamaram: «Temos cá a anarchia, a anarchia chegou hontem, o nosso officio começa, principia a nossa tarefa, o nosso prestimo está reconhecido, vamos á anarchia, desembarcou a anarchia! Temos um caminho de ferro para admirar, e a anarchia para esmagar. E' um systema completo de governo (*riso*).

Ora não querem dar o *bill* de indemnidade? Não de dal-o; não lh'o imploro eu, é a razão que o exige, e os proprios factos aconselham.

O povo diz — quiz-se envenenar o rei —, e um rei não pôde morrer senão envenenado. Houve desordens; foi a sociedade patriótica, porque

não pôde morrer um rei sem haver veneno! Dae pois o *bill* de indemnidade, porque a boa razão diz que o deveis dar (*apoiados*). A sociedade patriótica, sr. presidente, seria a unica causa dos acontecimentos? Pois o que é a sociedade patriótica? Eu já disse que tal sociedade patriótica não ha, e o governo dissolveu uma cousa que não existia, tendo dissolvido outras que existem, que vão resistindo (*muitos apoiados*), e com que não pôde acabar, sendo a causa as deleterias doutrinas que temos sustentado a respeito das irmãs da caridade (*apoiados*), que acabaram com o governo do estado.

A sociedade patriótica é um alvergue politico, socialista e religioso, é uma tribuna aberta a todos os oradores desoccupados e avulsos (*riso*); é uma casa onde se reuniam alguns individuos, e a quem uma excitação momentanea pelas cousas publicas os levava a querer sustentar as suas idéas e a indicar o remedio aos males que se sentem; mas que não tem trabalhos regulares, nem trabalhos que lhe dêem significação politica.

Eu fui lá, e encontrei alguns mancebos de bastante talento e notavel singularidade, quasi todos pertencentes á classe operaria. A ordem do dia n'aquella casa, n'esta occasião, era discutir a questão dos cereaes. Creio que não ha nada mais louvavel nem mais característico do bom senso das pessoas daquella sociedade, do que tratarem da questão da sustentação. Mas esta sociedade podia substituir-se por outra, porque esta sociedade de hoje não é a sociedade de amanhã; a sociedade de terça-feira não era a de segunda-feira, era uma tribuna livre. E o sr. Casal Ribeiro disse — que o governo sabia o que ali se passara — sabia-o é verdade, porque o sabia toda a gente, e só não o sabia quem o não quiz saber, porque havia toda a facilidade para isso, visto ser uma reunião publica. E se algum se lembra de que tem vigor, poder, acção politica e palavra, fechem a sociedade, queimem a casa, que não matam os homens. Eu fallo diante de diversos politicos da ordem revolucionaria, e pergunto-lhes de que valeu em outro tempo essa perseguição ás formulas de sentimento publico? De nada. Manifestaram-se por outro modo, e não sei se depois triumpharam.

Portanto a sociedade patriótica é nada absolutamente nada, e eu sinto que a opposição tenha feito neste debate a historia da sociedade patriótica.

Mas diz-se: «Ella está nos documentos do governo». Não comprehendo. Porque o governo encarou mal os acontecimentos, a opposição ha de encarar-os do mesmo modo? Se o governo escolheu um campo que não devia escolher, a opposição é obrigada a seguir-o? Se assim é, direi que a opposição vae a reboque do governo, que escolheu o campo que julgou mais conveniente. O governo metten os acontecimentos dentro da sociedade patriótica e a opposição escolheu esse mesmo campo!

A opposição bradou: «Pois vós tolerastes a sociedade patriótica!» Mas se ella foi tolerada por todos! (*Apoiados*.) É um facto que se não pôde arguir a ninguém (*apoiados*); e não só foi tolerada por todos, mas podia ser tolerada ainda hoje, e tolerada amanhã, por que a sociedade patriótica não é nada.

Soppunhamos que os acontecimentos de Lisboa foram filhos de um conluio politico. Elles estão todos na sociedade patriótica? Não ha conluios politicos senão em tal rua, em tal casa, e com o sr. marquez? Ha conluios politicos em casas particulares, e até no campo, principalmente no verão.

Portanto para mim a sociedade patriótica considero-a d'esta maneira — um campo neutro, onde todos vão e não mettem medo a ninguém; um ajuntamento pacifico, que não sei como se estranha, e que só podia ser estranho a quem deixasse de achar nas leis os meios de acção para punir qualquer crime que se commettesse.

Ora, eu tenho ouvido frequentemente queixar-se os homens publicos: «Que quereis vós de um paiz morto, de um paiz indifferente, de um paiz que se não apaxona, que não sente? O trabalho do homem publico é um trabalho improbo, por que tem de supprir o sentimento publico?» Isto, até certo ponto, é verdade.

Eu não recuo diante da responsabilidade do meu dever. A grande manifestação de dor e os sentimentos que inesperadamente se mostraram pela morte do Rei, manifestam que não foi só um tributo ás qualidades pessoas do mesmo Rei, nem um preito de sentimento monarchico; mas foi ao mesmo tempo uma viva apprehensão pelo paiz e pela liberdade (*apoiados*).

Estas manifestações, mesmo com as demazias que se deram entre o povo de Lisboa, offerecem á Europa um grande documento em favor da nossa liberdade e da nossa independencia. E aqui appello eu para os homens sisudos; por que as calumnias da imprensa estrangeira tinham-nos pintado como um povo paralytico, morto, incapaz de sentimentos, sem paixões; porque se dizia até que não havia ligação nenhuma cordial entre a dynastia e este povo; porque se dizia que este povo era absolutista, que as suas formas liberaes eram postizas. Isto tinha-se dito, tinha-se segredado aos homens publicos e aos governos da Europa; mas os acontecimentos falaram mais alto que essas calumnias que nos desfiguram (*apoiados*).

Parece-me que tenho fallado como se tivesse na mão a sociedade patriótica (*riso*); e a sociedade patriótica não está contente comigo talvez por falta de confiança! Queriam que os governos se acautelassem d'ella. Pois eu digo — que se acautelem os governos de não governar e que meditem os homens de todos os partidos nas

exigencias da opinião publica; que não deixem por muito tempo, n'um paiz pequeno, n'um paiz que tanto precisa manter a ordem, que carece em tudo e por tudo de escrupulos de ordem, perigosissimos combustiveis contra ella no desprezo da opinião; e que as questões urgentes as questões criticas, as resolvam promptamente, carregando cada partido com a responsabilidade que lhe tocar.

Mas que fez a sociedade patriótica? A sociedade patriótica n'aquelles tres dias foi todo o paiz. Eu não vejo aqui senão membros da sociedade patriótica. Devo diz-lo, já que a querem discutir. O sr. conde de Thomar é membro da sociedade patriótica. O governo é membro dessa sociedade, esse foi o primeiro membro d'ella (*riso*). Todo o paiz foi da sociedade patriótica. Pois que fez essa associação? A associação patriótica deu um conselho hygienico, um conselho medico, um conselho trivial, d'esses que a vulgarisação dos conhecimentos medicos no meio das familias tem tornado accessiveis a toda a gente. Ha molestia de um certo genero em uma certa casa, é preciso que as pessoas que estiverem em contacto com os doentes larguem essa casa, e vão tomar novos ares. Se o conselho de saude se queixasse das exorbitancias da sociedade patriótica (*riso*) tinha razão, mas elle não se queixou. Quando a sociedade patriótica foi ao paço pedir que o Rei mudasse de casa, quem eram as respeitaveis autoridades que tinham tido já esta perigosissima opinião? Já tinha tido a mesma opinião, sem offensa da ordem, o sr. conde Thomar; tido esta opinião, sem offensa da ordem, o sr. visconde de Sá; tambem sem offensa da ordem a tinha tido o ministerio todo. (O sr. *Ministro da Fazenda*:— *Apoiado*.) Tinha-tido esta camara, tinha-tido a camara dos pares, tinha-tido de toda a parte toda a gente com quem eu tinha fallado, e tinha-tido de toda a parte o sexo feminino, que na expressão dos mais affectuosos e dos mais rendidos sentimentos pela familia real, que julgava desamparada á força de cercada e obrigada pelas etiquetas palacianas, dizia mesmo do fundo das provincias: «Correi a essa casa, e levei lá os carinhos da mulher, que nenhuma praticas palacianas podem substituir.» (*apoiados*).

Vozes:— Muito bem.

O *Orador*:— Tudo foi sociedade patriótica. A camara do Porto, essa mandou ao paço tres homens para fallarem no mesmo sentido.

Ora, digam-me: se o paço fosse na Foz a camara do Porto ia á Foz só? Não ia so. (*apoiados*.) Não ia só. Levava muito mais gente do que foi aqui (*apoiados*), e com os corações mais ardentes e talvez os animos mais desviados (*apoiados*), e os braços mais duros (*apoiados*).

Toda a gente teve pois esta opinião. Não foi assim? (*Apoiados*.) Então a missão dos homens publicos não é desfigurar as cousas. E contra essa politica é que eu me insurjo, contra essa politica que treme dos acontecimentos e das aspirações do povo, diante d'estas manifestações naturaes. Contra isto é que me insurjo, e por isso é que me separo de todas as politicas e de todos os homens, até ao ponto em que encontre algum que reconheça os factos e os aprecie.

O povo não existe só. O povo pensa e sente. Póde sentir mal e nós devemos desviar-o d'esse mau estado. Póde pensar mal, e nós devemos corrigir esse defeito; mas antes de tudo é preciso avaliar em toda a verdade os seus sentimentos e aspirações.

Os acontecimentos de Lisboa foram como eu disse; fóra d'ahi não ha verdade. Mas não se preveram desvios, não se preveniram excessos. Realmente creio que a opposição tem sido victima de insinuações calumniosas n'este debate, e creio que ella dá estes conselhos de boa fé; mas são conselhos fóra da cabeceira do doente, senão não se atreveria a dal-os, era impossivel que os desse.

Houve crimes, transornou-se a ordem publica, a auctoridade foi descaçada. Tudo isto será assim; mas tudo isto está perdoado e esquecido solememente (*apoiados*). Os tribunales absolveram e a nação desculpou, porque o mal fez crise, e a crise foi nobre e generosa. O principio a reconheceu assim, quando confundidas todas as gerarchias, vindo á janella e fazendo-se orador, substituindo aos meios ordinarios de reger a plebe os meios da acção moral da voz e da palavra, viu aquietarem-se as turbas e acabarem os tumultos. A crise foi nobre e generosa como generosos e nobres foram os meios de a sanar.

Esta manifestação publica ha quem a tenha descripto poeticamente; mas eu, desconfiando dos poetas, prezo mais certas prosas minhas do que algumas poesias alheias. Houve poesia; sim, senhor; sei que a houve, mas não me metto n'ella; não a sei definir; aborreço-a, porque a acho um meio tão baixo, tão vil, e tão pequeno, que só se póde comparar com a mendicidade como meio de ganhar pão. É um meio de enganar todos. Não entendo nada, não o quero entender. Seriam esses acontecimentos um meio politico? Assim se tem referido; mas eu não sei assim apreciar os; e se o quizesse contar, como alguém o conta, não se apurava a historia.

Houve crimes, e sinto toda a minha indignação contra attentados de tal especie. Houve crimes notaveis; sei que houve crimes perpetrados n'um honesto e honrado pae de familia. Se esses crimes foram as justas recompensas com que elle prendia, esses crimes são baixos e vis; mas se no sr. conde da Ponte se quiz castigar uma opinião politica ou religiosa, eu que defendo todos os meus adversarios, não quero que se restabeleça o precedente de ir com um martello e com uma pedra ao craneo de um individuo destruir as suas idéas. Desadorno esta propaganda, quaesquer que sejam os santos intuitos que ella tenha. Se a so-

cidade patriótica encerra homens que pensam assim, eu os aborrego e os detesto a todos. As pessoas que estamos aqui congregadas devemos dar o exemplo, de que n'este paiz toda a gente póde pensar como quizer (*apoiados*), e só quando todas as opiniões forem acatadas é que se tem restabelecido a liberdade; e é por isso que eu defendo estas opiniões com toda a energia de que sou capaz.

Acho tão difficil o resolver a questão do ensino e das idéas religiosas, e que se podem dispensar as irmãs da caridade, como acho vil pegar-se n'uma pedra, arremessando-a á cabeça de um cidadão portuguez, que pensa que essa instituição é bella e benéfica.

A associação patriótica foi accusada de regicida, e justamente se lançou ao governo a culpa d'isto. O regicidio é um crime atroz, mas é um crime natural e velho. Eu entendo que as paixões politicas podessem levar a matar-se um rei, se se matasse a monarchia; mas como a morte de um rei não mata a monarchia, e a historia está uniforme em sustentar esse principio, é um crime inutil. Portanto acho que isto foi tambem uma intriga, e do genero d'aquellas que são tão malevolas como tudo isto que se tem dito. A sociedade patriótica n'um dia era regicida, e queria matar o rei, n'outro foi chefe de um sentimento de dor! O que é certo é que os acontecimentos vieram mudar-lhe a face: tinhamos uma sociedade regicida, que no outro dia se transformou em sociedade monarchica!

É verdade que se aggregaram alguns membros da camara municipal a esta manifestação, e eu não sei que a manifestação se podesse prever. Prever não é prevenir, porque os limites da previsão não são os mesmos da prevenção; mas apresentada a manifestação, ou se devia deixar ir o povo sobre si, não coberto pelo prestigio da auctoridade, mas coberto pelo prestigio da consideração publica, ou se devia deixar ir com uma certa auctoridade. E eu voto todas as proposições contidas na substituição de um meu illustre, honrado, instruido e querido amigo, o sr. Mártens Ferrão, tendo só a notar que seriam aceitaveis em outras circunstancias, mas que não vem para o caso; era o mesmo que proclamar o respeito á vida dos cidadãos no meio de grandes tumultos.

A camara n'esta apreciação (vamos a dizer a verdade) resente-se da occasião, porque de todos os cidadãos, de todos os individuos portuguezes, ninguém, louvado seja Deus, foi mais estranho aos acontecimentos do que eu. A camara resente-se da occasião dos acontecimentos, e por isso tomou em tanto peso as occurrencias que tiveram lugar.

Dizem que o governo se escondeu, que fugiu, que desceu, que trepou, e todos os governos descem e trepam; não ha duvida nenhuma. Quando uns estão a ver como elles descem, é porque desejam trepar (*riso*). Isto é verdade, e as escadas são uma ferramenta politica em que ninguém póde tocar, nem opposição nem governo (*riso*).

Pois não havia uma camara n'este paiz, opposição ou maioria, com presidentes ou sem elles, que dissesse: «Olhae que existe n'esta rua uma associação, que a sociedade está em perigo, que ha ataques aos individuos e á propriedade, que estamos todos nas vesperras de grandes acontecimentos, reuna-se a camara, e venha o governo aqui investir-se de poderes?» Pois não havia ninguém que lembrasse isto? Mas era necessario estar a sessão permanente (*apoiados*). Eu fui assim creado, e o sr. visconde de Sá tambem assim foi creado.

S. ex.^a disse aqui: «Mandei força para o largo das côrtes para proteger as deliberações da camara». Cada um estava em sua casa; só se fosse para proteger a deliberação dos individuos para irem para os cavalinhos (*riso*). Eu não sei se isto é exacto ou não; o que eu sei é que o facto a que estou acostumado é este: anarchia nas ruas, parlamento n'esta casa (*apoiados*). Um dos membros do governo a dar ordens e os outros no parlamento, ou os outros a darem ordens e um d'elles no parlamento a responder por todos, sendo o meio de communicação com os outros; o ministro da guerra aqui está presente, para proteger a ordem e vida dos cidadãos. Nem concebo deputados com ordem só para proclamarem nas praças o acatamento ás mesmas leis.

É não posso deixar de dizer que esta minha apreciação, quanto a este facto, é natural em mim, e que não posso modificá-la; tenho-a ha vinte e cinco annos, desde 1837 ou 1838 talvez.

Tiveram então lugar tumultos de outra especie e de outra ordem, e não tinham um grande sentimento nacional com que se desculpassem: era uma luta de paixões, eram excitações politicas de um e outro lado; amigos meus estavam no campo insurreccionado, amigos meus estavam no governo. O braço e a espada d'esta insurreição era de um amigo meu; e que fiz eu? Não fui só eu, foram todos os deputados d'este lado, porque esta casa viu-se cheia e ameaçada dos bandos armados. Pedimos ao governo que sustentasse a sua posição e cumprisse com o seu dever, e a camara deu-lhe todas as leis necessarias para manter a ordem: eu fiz todos os esforços possiveis para isto se conseguir; e, não contente com isto, não contente com os esforços que fiz como deputado, lancei-me ás redeas do cavallo onde vinha montado o caudillo da revolução, e deixei-me arrastar por elle desde a Estrella até ao Arsenal, onde exausto de forças e mallogradas as minhas intenções, fui forçado, com as lagrimas nos olhos, a deixar o corseil.

Deixo em silencio a quadra politica que então se seguiu; mas dez ou quinze annos depois um estrangeiro tinha invadido o paiz, porque a ordem era impossivel mantel-a nas condições desordeiras em que a tinha o partido progressista.

A revolução foi então exagerada e levada mais longe do que era possivel. Os acontecimentos do arsenal produziram quinze annos depois a entrada dos espanhoes. Será ver ao longe, será ser poeta e tudo quanto quizerem, mas eu vejo as cousas assim. Ha acontecimentos taes, cujas consequências são infalliveis; e se se não realisam logo, não deixam nunca de ter um praso. E a perseguição?

Olhem que eu não defendo o governo; faço as minhas construcções. Se ninguém se abriga a ellas, a culpa não é minha, é do meu risco architectonico.

É uma grande calumnia levantada á opposição: «Vós pediz sangue, vós pediz repressão». Ninguém o pediu, ninguém o disse, ninguém o queria (*apoiados*).

Taes conselhos eram perigosissimos. Dados a gente que tivesse menos horror ao sangue, que não sei se é congenial em todos os membros que compõem o gabinete; dados a governo que não nutrisse um grande respeito á vida dos cidadãos e principalmente dos infelizes, talvez trouxessem consigo excessos lastimosos.

Podiam-se prevenir. Mas como? Previnha um incendio n'esta casa; bote a casa abaixo (*riso*). Previnha uma inundação; desvie este rio: não ha com effeito inundação, ha sequidão, mas tambem estas terras não produzem nada (*riso*).

Esta prevenção é na verdade radical!!

Prevenir cousas! Reprimir, quem?

Pois o governo deu ordem á tropa que carregasse o povo que estava nas ruas da capital. O ataque foi ruidoso, mas, se não houve mortos nem feridos, parecia-me que n'este ruído, esta imaginação, e esta indole acautelada de homens publicos, podiam ficar quietas por um momento. As ferraduras dos cavallos fizeram grande espalhafato, e a desordem foi um pouco acalmada.

N'esta carga caíram dois lanceiros, um quebrou as pernas; e que fizeram os inimigos da ordem? Safu um destacamento, não de irmãs da caridade, mas de homens de caridade (*apoiados*) levando um dos seus inimigos e disse: «Curem este soldado, que acaba de nos atacar».

N'um paiz d'estes é preciso mais juizo e sentimento do que repressão e colera (*muitos apoiados*).

Foi aqui que eu interrompi um illustre membro d'esta casa, que, incendiado pela ordem publica, exclamava: «Não soubestes cobrir os excessos, fostes cobardes, deveis carregar mais a mão da auctoridade, ellas não quadram bem ao partido popular, do qual são assento de propriedade immemorial estes bancos. Quem as quer advogar, sae d'aqui. É preciso acabar com a vagabundagem politica, que corrompe a vida parlamentar e constitucional, e um dos intuitos do meu discurso é pôr-lhe termo».

Eu dizia — cautela! porque vós podeis fallar em nome de um circulo politico, que não pôde adoptar similhante principio. Julgava eu que o illustre deputado fallava, pelo menos n'essa occasião, como sustentando as doutrinas que fazem crença commum com o que chamam regeneração.

Eu dizia — cautela! E porque? Porque a regeneração foi uma grande revolução.

Estão espantados espantados de me ouvir; e devem-no estar.

A regeneração foi uma grande revolução, porém não foi feita pelos regeneradores.

Acontecem quasi sempre d'estas cousas.

A regeneração foi a espada de um general, e a elaboração do pensamento politico, sustentado e trabalhado pela imprensa; foram cinco ou seis annos de oppressão aproveitada. E nós estamos ha oito ou dez annos de liberdade desaproveitados! (*Apoiados*).

A regeneração, quando subiu ao poder, achou um peulio de idéas e de medidas já accitadas pela opinião publica; medidas uteis, a respeito das quaes não teve senão que pôr-lhe o *cum-pra-se, execute-se*; e passaram. Mas foi a espada de um general que, como muitas espadas, muitas cabeças, em passando meia hora ficam em ociosidade.

Até esse ponto foi executora, não dos pensamentos de ninguém, mas dos pensamentos nacionaes (*apoiados*).

Como um medico que vae a uma casa a quem o doente consulta, pela sua grande fama e reputação, e diz: «Eu soffro isto e isto; tinham-me indicado este tratamento, que lhe parece?» «Não tenho senão que pôr meu nome n'esse receitaario, mande para a botica» (*riso*).

O que é a regeneração hoje? É o mesmo.

Quanto ás qualidades pessoas dos individuos, não preciso fazer-lhes o elogio; são homens de muita valia e importancia.

O sr. ministro da fazenda disse: «Os homens deram *morras* a tudo, porque disseram que morresse eu, o sr. Casal Ribeiro e sr. Fontes»; e fazem favor de me dizer, depois de morta esta gente, o que ha de ser do paiz! (*Riso*).

O sr. ministro da fazenda tem d'estas sinceridades, e quando elle é assim ingenuo, adoro-o (*riso*). Todos os cavalheiros que figuraram na regeneração, com as qualidades que os acompanham, são homens de muita valia, de muito credito e muito prestaveis, mas a regeneração hoje já não é bem a mesma; falta-lhe a espada do marechal e a sua antiga innocencia.

Eu, sem mesmo o renegar, e sem mesmo me achar em grande contradicção de opiniões, fui escusado formalmente d'esse partido n'uma questão importante — fallo da questão das irmãs da caridade, d'essa questão preza em reclamações diplomaticas, a respeito da qual nada se havia resolvido (*apoiados*). Nunca se disse isto, mas é a verdade. Não fallo das senhoras, fallo do instituto,

que nasceu em França, filho d'uma idéa generosa, que viveu por muito tempo abençoado pelas suas virtudes mas que depois pelas suas tendencias veiu a considerar-se perigoso. N'esse instituto todos os governos tinham fitos os olhos, alguns não tinham força para lhe resistir, mas hoje, desde que por um acto do governo imperial francez foi considerado como contrario aos fins da sociedade civil, é isso uma empresa facil (apoiados).

Quereis a questão das irmãs da caridade resolvida? Chegou o momento propicio, porque a mão que as havia protegido abandonou-as perfeitamente. Qualquer medida que se quiser tomar a este respeito, não precisa mesmo de relatório, o relatório é a circular de mr. Persigny (apoiados). Aproveitae-a, se os vossos propositos, se o vosso pensamento é na realidade deferir á opinião publica; e digo, se fallo assim condicionalmente, é — porque vós quereis o impossivel, quereis que adivinhemos o vosso pensamento, e eu tanto adivinho o vosso pensamento, como acredito nas vossas palavras. Não pode ser.

Clama-se: «O governo dissolva»; mas o governo, se quer, não pode dissolver, e a opposição faz o mesmo (apoiados). Em questões tão serias não lisonjeio opiniões, que não tenho (apoiados); nem adhesões, que o não merecem (apoiados). Digo isto abertamente (apoiados). Mas isto é um crime de tal ordem que, não obstante achar-me incommodado de saúde, chegou a espalhar-se que eu não vinha á camara para o não dizer! Como se um homem da minha idade e da minha vida podesse nunca recusar-se a manifestar o seu pensamento (muitos apoiados). Agradeço áquelle dos meus collegas que reprimiu essa supposição, tenho o seu nome prestes a sair-me dos labios, e respeito-o intimamente.

Mas o governo não poderia dissolver nada. Porém, diz-se: «O governo decretou umas poucas de medidas para dissolver as irmãs da caridade, porque não executou essas medidas?» Constrangimento sempre que vejo um partido que quer as irmãs da caridade no seu paiz, que quer conservado e guardado este instituto, dizer com um certo sarcasmo: «O governo que dissolva as irmãs da caridade, o governo que execute os seus decretos» (apoiados). Isto não se diz. Quem o diz não quer que as irmãs da caridade sejam dissolvidas (apoiados). Isto compromette quando se ambiciona o poder, isto exautorá os que o fazem na opinião publica (apoiados). Não fallo d'este ou d'aquelle partido, fallo de todos os que assim procederem.

Diz-se tambem: «Dissolva a sociedade patriótica.» Não pode dissolver a sociedade patriótica; daes um conselho para que o governo, abdicando os bons principios, trate de um interesse, de uma opinião unicamente, ficando assim fraco a respeito de todos os outros interesses e de todas as outras opiniões.

Questões d'estas não se resolvem por tal modo. Não se pôde governar assim, nem tomar a responsabilidade de tal medida, dizendo ao mesmo tempo: «Pertencio a tal provincia politica»; não se pôde desprezar a consciencia publica, nem governar contra ella quando se professam certos principios (apoiados).

Dizeis que dissolva, porque não pôde dissolver, se o podesse não daveis semelhantes conselhos (apoiados). Um governo assim aconselhando a transigir em principios de ordem publica, e de governação, com estes ou aquelles interesses, como hade apparecer armado diante de todas as demasias da opinião, e reger o paiz? E' por isto que eu nem uns nem outros defendo. Voto contra o governo, porque não tenho confiança n'elle; e voto contra a opposição, porque tem um voto de repressão, e eu entendo que esse voto é injusto. Não faço contudo opposição a nenhum dos dois campos por não perturbar ninguém. Mas voltemos á minha sociedade, cujos estudos ainda não foram approvados (apoiados), e creio mesmo que não alcançarei a approvação para elles. O illustre deputado, o sr. Fontes, disse: «Admitto o direito de associação amplissimo; associação de capitães e de industrias; mas não admitto associações politicas ao lado do governo, nem liberdade de associação senão até ao ponto em que ella não comprometta a mesma liberdade». Foram estas as palavras de s. ex.^a

Tinha-se estabelecido, ou levantado entre nós uma escola, que admittia todas as liberdades, sem limites, sem titulo, sem regencia, tudo era livre, liberrimo: havia só um individuo, e era o exceptuado d'este principio. Tambem sou partidario de todas as associações; mas aceito a restricção que poz a estas doutrinas latidnarias o meu amigo, o sr. Fontes. A todos era permitido entrar neste oceano de liberdades, todos lhe achavam o fundo, todos se aventuravam, para todos havia boias de salvação, só eu não achava pé, só eu não era admittido, só eu me perdia.

O partido que sustenta esta doutrina ha de tambem sustentar a applicação dos seus principios de modo que os não comprometta (apoiados), e que não corra ao suicidio.

Ha partidos que professam a liberdade, e que usam della; e ha outros que a não professam, nem querem usar della (apoiados). Estes é necessario reprimil-os, e aquelles em todo o caso vigial-os. E' esta a doutrina do nobre deputado: liberdade até ao ponto de não comprometter a mesma liberdade.

E tive eu a impudencia, o atrevimento, a ousadia, a puerilidade de dizer que os partidos, permitta-se-me a phrase, estavam mal maipados no paiz, e que era preciso não queimar o baralho politico, mas adoptar um novo systema de paciencia! (riso). O que se me disse publicamente, de assim ver e julgar as cousas, perdão; o que

se me podia dizer pelas costas não o posso perdoar, porque não sei; mas perdão tudo. E' verdade, disse-o, e como cidadão que tem o direito de julgar as cousas e concorrer com os seus meios para melhor as encaminhar, levei o meu requerimento á mesa das liberdades publicas sufficientemente documentado, provando no primeiro documento que tinha sido deputado 20 annos; no segundo documento, que aos dezeseite sahira da minha casa e fóra combater pelas liberdades politicas; e no terceiro, que servira com muita dedicação, com muito commedimento e muito brilho, sempre com os intuitos de concorrer para o bem da patria.

D'este modo pedi a ss. ex.^{as}, ou a ss. s.^{as}, licença para reunir mais quatro ou cinco deputados, mais abonados, mais chãos, mais zelosos do real servico, e apesar de tudo, não obstante todos estes documentos, foi o requerimento indeferido! Negou-se a liberdade ao mais insignificante membro do parlamento de expor francamente a sua opinião, de se dirigir aos seus constituintes, de tomar parte e de dar conselhos sobre a gerencia dos negocios publicos! Aqui estou eu que passei por todas estas humilhações.

Eu estava aqui quando se disse — que os actuaes ministros passavam por debaixo das forcas caudinas; estive mesmo a ver passar o sr. Ávila, que passou perfeitamente direito e não sei quem mais; o sr. ministro da marinha não sei, provavelmente passou bem, porque para o fazer nem precisava abaixar-se (riso).

Abaixei-me eu; as verdadeiras forcas caudinas foram as minhas. Das outras ri-me eu, e riem-se todos.

Mas ainda o partido novo. Eu fiz mal o meu requerimento; disse n'elle — que queria formar um terceiro partido, e ahi é que foi o mal todo; não podia ser, porque o logar já estava dado.

Quem sou eu para formar um partido? E depois um partido de um só homem e de uma só idéa? Ainda assim ja é alguma cousa, porque ha alguns partidos que vivem sem ella (riso).

Os partidos não ha homens que os formem, nem braços que os arrebanhem; os partidos são filhos de transformações e de uma agitação social, lenta mas infallivel (apoiados).

Os partidos formam-se pelas demazias do poder (apoiados), e não se formam só de condes e marquezes; formam-se de homens que tem idéas certas e firmes sobre diversos pontos de administração e de economia publica, e que tem força e prestigio para as fazer vingar. Os homens que tem essas idéas, essa força e esse prestigio em maior grau de que os outros constituem-se chefes e tornam-se por esse facto responsaveis para com os que lhes conferem o posto; e aquelles que tomam essa responsabilidade com consciencia são verdadeiros homens d'estado (apoiados).

A minha ambição tem sido sempre, e só, o bem do meu paiz. Tenho constantemente propugnado pelo progresso, quer na tribuna, quer nas hostes populares, ás quaes tive a honra de pertencer, servindo com tanto ardor e disciplina como no exercito.

Tenho sempre defendido todas as idéas grandes, e com o santo proposito de lhes ser util, por que entendia que esse caminho era o unico que podia levar-nos ao ponto de dotarmos o paiz com os melhoramentos de que tanto carecia, e carece ainda, para o seu desenvolvimento.

Encontrei um partido politico que andava lidando no despenho de principios rasgados, principios porque ha dez annos andavam a pugnar. Tratava-se de construir vias ferreas e de fazer estradas, entrei nessa tarefa porque vi todos com a pá nas mãos abrindo caminhos; ajudei-os, e ajudei-os ainda mais, porque via a opposição ferrenha fazendo ataques ao poder que procurava dotar o paiz com estes grandes melhoramentos publicos (apoiados).

Esta explicação era desnecessaria, mas sempre é bom fazel-a.

As rasões de divergencia que se notam entre mim e esse partido provieram da questão de que ha pouco me occupei.

As opposições e todos os partidos não são individuais. Nenhum homem dá só contás a si e á sua consciencia da sua iniciativa; dá-as a Deus, á sua consciencia e aos seus correligionarios politicos. Isto não significa nenhum resentimento pessoal; são as minhas idéas sobre a constituição de todas as opposições. Eu entendo que o governo representativo se compõe de dois campos pensantes constantemente elaborando, constantemente fecundando. Entendo que a fecundidade do governo se mostra pela sua iniciativa, pelas suas propostas, pelos seus meios de administrar, e que a fecundidade da opposição se mostra pelos seus discursos, pelas suas proposições e pela sua imprensa; mas sempre fecundando e elaborando — sempre, sempre, sempre. Quem diz — eu sou responsavel para mim e para a minha consciencia, não é responsavel para os seus socios, e n'esse caso os seus socios são companheiros de uma politica que não conhecem, de um intuito que não prevêem.

A dissidencia entre mim e o sr. Fontes consiste em elle pensar assim e eu de outro modo — eu honrando a sua convicção, e supponho que elle honrando a minha. Não tenho uma phrase conveniente para designar o estado da nossa moralidade politica; a que se me offerece é rasteira e não ousa pronuncia-la.

Eu não vejo conveniencia em que um partido realise as indicações de outro; o resultado é que ao apresentar-se uma indicação da opposição, deplora-se, estraga-se, perde-se a sua virtude, e o partido que a elaborou vê inutilizadas em mãos alheias as suas idéas, que aliás postas em pratica por elle podiam ser fructíferas — isto é filho da

vagabundagem politica. Eu entendo que cada um deve fazer por sua conta e com os seus proprios recursos as obras de civilização de que o paiz precisa. Por exemplo, trata-se de um caminho de ferro. Que quer dizer juntemo-nos todos para o realizar? Juntemo-nos todos em volta d'essa opinião, e depois cada partido é assás vigoroso para por si fazer uma via ferrea quando estiver no poder. São sete alfaiates para matar uma aranha (riso); perdoe-se-me a phrase. Alem de que, ha mesmo difficuldades em estabelecer a verdadeira estatística politica de cada partido quando está no poder. Por exemplo, diz o governo passado: «Dêem cá os projectos que eu lá deixei». Os projectos eram uns poucos. Era o do credito predial e não sei que mais; mais dois ou tres...

Uma voz: — Havia mais.

O Orador: — Havia mais? Os senhores não vão dizer quaes são (riso). Esses projectos creio que estão n'uma incubação conservadora, n'esta incubação que é desnecessaria, porque já hoje não ha principio conservador. Estão perfeitamente enganados os que julgam o contrario. O governo do estado está em toda a parte nas mãos do partido liberal. As fórmás é que retrogradaram, mas as idéas foram para diante. Houve quem julgasse que o imperio francez era a morte de todas as idéas liberaes; o imperio francez é que não teve remedio senão socorrer-se a ellas para não morrer, e socorreu-se a tempo. Ora, realmente que querem os senhores conservar? Conservar-nos a nós? Isso creio que é pensamento a que ninguém falta (riso). Conservar o que? Não sei. A minha opinião é que o paiz precisa de reformas radicalissimas e capitães, e eu no meio das minhas aspirações sou tão racional, que não ponho no primeiro plano de reformas senão aquellas em que partido algum pôde deixar de concordar.

Eu sou um homem extremamente democratico, mas na questão dos morgados queria só que se fizesse uma lei sincera a respeito dos terrenos não cultivados; vejam a exaggeração das minhas exigencias! Mas fizeram uma lei, que é pouco efficaz para os terrenos cultivados, e que é inefficaz para os terrenos incultos, porque já está illudida por uma trica judicial, e os morgados presentes e os morgados futuros sustentando a bizzaria e a nobreza de suas casas em verem largos campos despovoados e a tísica das suas bolsas (riso).

A respeito da lei do credito predial eu não conto a historia toda, não conto tudo; mas todos sabem de que morreu a lei do credito predial.

O meu illustre amigo (e insistirei sempre em lhe chamar amigo, confiando que elle ouvirá sempre esta phrase da minha boca com complacencia do coração) elaborou essa lei com uma promptidão que revela os seus conhecimentos profundos na materia, não só porque conhece a doutrina juridica, senão porque tambem tem estudado as relações que modernamente tem a jurisprudencia civil com outros interesses sociais. Esse projecto tivemos a fortuna de o ver votado pela commissão, e até, se me não engano, houve unanimidade, mas unanimidade ephemera.

O projecto veio para aqui, e eu lidei devéras para que fosse votado; fui até buscar alguns dos meus collegas que pretendiam retirar-se, assim como evitei um golpe de estado, porque queriam votar tudo em golbo. O projecto era interessante, era de um grande alcance, e tão bom, que eu tive um immenso pezar em o ver cair diante de alguns esforços, não só meus, mas de outros deputados que me ajudaram. Caíu n'esta camara; e na dos pares, até onde me arrastei pedindo, não fui mais feliz.

Emquanto a mim o projecto hypothecario não era uma cousa simples: era extremamente connexo com a lei da desamortisação. Se o credito hypothecario tivesse sido votado conjuntamente com a lei da desamortisação, o que acontecia era que o sr. ministro da fazenda, que está com aquelles effluvios de prazer que só uma alma sinceramente financeira pôde sentir (riso), atraz de uma meza, ouvindo apregoar 20:000\$000 réis, 30:000\$000 réis, 40:000\$000 réis, havia de recrear-se, vendo as finanças publicas a arfar... arfar... e a crescerem de dia para dia. Se o projecto de lei hypothecario tivesse ido ávante que valor não alcançaria a propriedade pela facilidade das operações? (Apoiados).

Sr. presidente, a minha opinião capital é que a camara não devia ter entrado n'este debate; e não digo isto por mim, porque eu desejava fallar de maneira que não fizesse ou causasse desprazer nem prazer a ninguém.

Repito, entendo que a camara se devia desbarraçar d'este objecto (apoiados); e que se não devia fazer cargo d'elle, em attenção ás circumstancias. Se apresentasse uma proposta era n'este sentido (apoiados). Entendo ainda que nós padecemos mais pelas faltas do governo, do que pelas demazias da liberdade; e que este paiz não pôde aspirar, não digo já a uma existencia decorosa no meio da sociedade europea, mas mesmo á sua existencia, se não prover de modo que tenha um governo forte e livre ao mesmo tempo, porque actualmente não se pôde ser uma cousa sem se ser outra. Para se ser forte ha-de-se ser livre, e para se ser livre, convem que se seja forte; e não só isso, mas tambem administrador sollicito, sincero e racional. E n'isto está o bem estar e a moralidade de toda a sociedade, porque enquanto nós estamos gastando tempo n'este debate, o paiz olha-nos, vê que nada fazemos em seu favor, e attribue ao governo a causa de todos os seus males.

E' necessario libertar as eleições de todas as influencias. Isto é capital, e a este respeito, se houvesse em todos nós um pouco de amor

proprio, pedia uma sessão publica, destinada a tratar d'este assumpto. Sem isto não fazemos nada, absolutamente nada. D'esta falta é que provém não haver exercito; e sabem porque o não ha? E' porque o exercito está aqui; é porque ha muitos deputados que para o serem foi preciso muitas vezes dar licenças ou escusas a dois regimentos de recrutas (muitos apoiados).

E diz-se: «Onde está o exercito? Está aqui, está na camara dos deputados (apoiados). Os battalhões de recrutas ficaram em casa para os deputados virem para a camara (apoiados).

Onde está tambem a administração dos legados pios? Por exemplo, o meu districto que é relativamente um dos mais populosos do reino, tem a dez leguas um hospital para o Porto, a dez leguas um hospital para Coimbra, e a quatorze outro para Vizeu; e tem um hospital em Aveiro com seis camas, só seis camas, de modo que se adoecer algum n'esta grande área, e os seis leitos estiverem preenchidos, tem o mesmo doente de percorrer umas poucas de leguas para que lhe dêem agazalho.

O sr. Casal Ribeiro fez um grande serviço a este paiz com a sua reforma, mas elle ha de saber que falta alguma cousa para completar o trabalho.

Este paiz não pôde ir á Africa, nem tomar Tetuão: ha tambem politica domestica, caseira, e essa convem-lhe. Não é necessario para ser respeitado, ser grande. Escolhamos um systema de serviço que mais quadre ás nossas tendencias, para que os que vierem aqui estudar saibam que se faz alguma cousa com mais perfeição, relativamente, do que em outros paizes.

Façamos portanto um governo consentaneo a estas idéas, consentaneo ao nosso genio, ao nosso caracter, aos nossos costumes, e poderemos fazer da nossa terra uma excellente nação (apoiados).

Eu vejo lobos no redil e milhafres sobre o pombal. Unamo-nos todos, e unamo-nos para a paz e para a guerra. Para a paz, no intuito de fazer um governo consciencioso e largamente liberal (apoiados), de trazermos para a nossa terra todos os confortos da civilização, de nos aproximarmos d'ella quanto o permittirem as excellencias do nosso clima e do nosso caracter, para podermos dizer á Europa — o problema governativo d'este povo eis-aqui como o resolvemos, approvae-o. E para a guerra, não para brandir a lança, tumultuando povos e travando lutas fratricidas em batalhas inúteis, mas para oppormos com o auxilio dos nossos cidadãos uma barreira permanente e forte á invasão mais ou menos disfarçada das conquistas, que uma vez fizemos para as liberdades d'este paiz (apoiados).

Este é o programma do partido novo (Vozes: — Muito bem, muito bem.)

(O orador foi cumprimentado pelos seus collegas.)

(O sr. deputado não pôde em muitos pontos ser ouvido, e não reviu o seu discurso.)

EXTERIOR

DESPACHOS DIRECTOS

Madrid, 31, 4 horas e 25 minutos da tarde.

No Mexico o ministerio resolveu oppor a maior resistencia ás forças dos alliados sendo apoiado pelo partido conservador menos Zuloaga.

Cochinchina, 15 de dezembro.

As tropas alliadas atacaram Bienhoa, e marcham contra Hué.

Dos jornaes recebidos hontem extrahimos os telegrammas seguintes:

Da «Chronica dos Dois Mundos»:

«Pariz 27. — Juarez fez propostas para um arranjo com as potencias alliadas, ás quaes pareceu demonstrar que accetou o emprestimo offerecido pelos Estados-Unidos.

Apresentaram-se deputações de quinze provincias mexicanas, pedindo que se estabeleça uma monarchia no Mexico.

Os candidatos que hoje reúnem mais probabilidades são o archiduque Maximiliano e o conde de Flandes.

Da «Correspondencia»:

«Londres 25. — O «Morning-Chronicle» dá como provavel a demissão do sr. Seward, e julga que o presidente Lincoln o substituirá com o sr. Everett.

O vapor «West Indian» forçou o bloqueio que está longe de ser effectivo, e chegou a Liverpool. Segundo as noticias que traz, ha forças consideraveis em Charlestown e o general Lee commanda ali 40:000 homens.

Julga-se que a expedição do Mississippi chegou ao seu destino, do que se infere que brevemente haverá acontecimentos decisivos.

O «Daily-News» julga inverosimil o pedido de desarmamento do Piemonte por parte da Austria, ainda que esta potencia se acha em melhor estado que em 1859 para uma guerra, principalmente se existe o tratado secreto entre a Austria e a Russia, como se suppõe.

«Pariz 25. — Todos os jornaes continuam a examinar o projecto financeiro do sr. Fould.

Diz-se que o discurso da corôa deixará entrever as intenções de Napoleão a respeito de Roma.

Não tem fundamento os boatos de que a rainha Victoria abdicará quando o principe de Galles entre na maioridade.

O primeiro secretario da legação franceza, enviado por Saligny a Jurién de la Gravière, chegou de Veracruz á Havana no dia 29 do mez passado.

«Munich 24. — Os dois filhos do principe da

Baviera sahirão para Athenas na proxima semana. Designa-se o primogenito como herdeiro presumptivo ao throno da Grecia.»

«Genova 26. — O Sumpter percorre o golpho de Genova. Julga-se que é com intenção de entrar n'este porto, e que o seu capitão trata secretamente de o vender, desconfiando de poder escapar do bloqueio das fragatas federaes.»

NOTICIARIO

Últimas palavras. — Insistem em asseverar que não nos ameaçaram. Muito bem. Também nos serve o desmentido. Preferiamos uma declaração franca d'essas culpas monstruosas que appareciam envoltas nos seus adjectivos campanudos, mas accitamos a confissão de que nem elles significavam ameaça, nem eram ataque á nossa honra. Desejavamos o mais, mas contentamos-nos com o menos. Que remedio?

Se nos deviam ser indifferentes as ameaças, assim como o são effectivamente todas as injurias com que possam arremear-nos, pela consciencia que temos da pureza dos nossos actos, não deviamos deixar correr á revelia essas insinuações com que mais uma vez nos tem querido prejudicar na opinião publica. Se o nosso silencio lhes aproveitava, não sabemos. Parece-nos que não, porque na terra em que vivemos, todos nós somos muito conhecidos, e o effecto que insinuações vagas produzem em gente estranha aos successos da localidade, deve ser mediocre. No entretanto, parece que presavam o nosso silencio e contavam com elle.

Desta vez não lhes succedeu assim. Tivemos curiosidade de saber o que tinham para nos dizer, e que de tanto blasonavam. Emprasmol-os para que o dissessem. Responderam-nos que o emprazamento era «uma hyperbole monstruosa.» Ter-nos-hiam, talvez, accusado de pusillanimes, e feito ver no nosso silencio a confissão tacita do crime, se tivéssemos obrado d'outro modo!

Entendem que nem pode ser injuriado, quem tem a convicção da sua honestidade, nem deve importar que alludam com refalsada maldade á sua reputação, aquelles que não tem de que corar! Não pensamos assim. O homem honrado é mais supersticioso da sua honra do que ninguem. Doem-lhe as injurias muito mais do que ao scelerado, que quasi sempre tem as faces callejadas para não corar da affronta que recebe, e que, no seu esbravejar raivoso, não revela mais que um instincto de vingança, tão ignobil como a sua alma.

Diz-nos a consciencia que estas mesmas ideias foram as dos nossos adversarios a respeito das accusações vilipendiosas a que alludiram. Onde mesmo confessavam, talvez com o sorriso ironico nos labios, o stoicismo do homem honrado deante de uma provocação infame, provocavam um castigo para os que os haviam verberado ignominiosamente! Não extranhamos. O coração humano, mesmo o mais bem formado, é muitas vezes assim. Raro faz aos outros a mesma justiça que deseja para si.

Mas elles dizem-nos que nunca fizeram uso de insinuações, nem lançaram mão do esconjuro! Tem bem a consciencia do que affirmam? Passaram antes pela memoria tudo o que tem escrito? Desadoramos as retaliações e preferimos deixar passar a affirmativa, sem lhe pôr suspeições. Temos aqui, porém, lugar para uma pergunta: Quem são aquelles que, arrastados pelo vil exemplo, tem ido até aos ascendentes para deprimirem o caracter d'alguem? Isto é serio, e demanda uma explicação tambem seria.

Não pedimos mais explicações porque nos julgamos acobertados pela sua generosidade! Valha-nos isso ao menos. Não nos ameaçaram, repellam o nosso emprazamento, e, para nos consolar, cobrem-nos com a bandeira da sua misericordia!... Seja pelo amor de Deus.

Deixemo-nos de evasivas. Não tendes nada a dizer-nos? Não sabeis nada que nos deshonre? Nesse caso a questão terminou entre nós. O que não é commosco, nem com esta redacção, não é para aqui, e como nem só a nós dizeis dirigir-vos, as cousas estão naturalmente terminadas, em quanto não declarardes quaes são essas provas moraes, e não exhibirdes esses documentos a que alludis. Mas embora não sejam commosco, deixai-nos dizer-vos sempre: tendê cuidado que esses documentos não fossem invalidados primeiro pelo vosso jornal, não fosse elle mesmo que se tenha encarregado de destruir o fundamento dessas provas moraes.

Precaução. — Anda-se organisando nesta cidade uma quadrilha, que se prepara para grandes empresas, segundo nos informam. Estão aqui já com esse fim homens estranhos, conhecidos pelos seus precedentes em outras localidades, e que mesmo pela sua profissão inspiram suspeitas. Algumas noutes tem apparecido ali, segundo nos dizem, em sitios menos frequentados, homens armados; correspondendo-se por signaes.

Supponho a auctoridade já informada, senão de todos, ao menos de parte destes factos. Não lhe pedimos medidas violentas de repressão. Exigimos que vigie. A policia secreta é para estes casos. São sabidos os antros, onde se tramam semelhantes conjurações. E' facil pol-os em cerco.

Não deixem organisar outra vez o que com tanto custo se destruiu em 1857. Se não terão que ver.

Eleição. — A eleição municipal do concelho d'Ilhavo, que teve lugar em novembro ultimo havia sido annullada pelo conselho d'este districto por não se ter completado o escrutinio, sendo a causa d'isto o roubo da urna.

No domingo ultimo procedeu-se a nova eleição, a qual, segundo nos consta, correu com so-

cego, dando em resultado sahirem eleitos por grande maioria os candidatos apresentados pela opposição.

Festividade. — Teve lugar no domingo ultimo a festividade de Nossa Senhora da Apresentação, na sua igreja, desta cidade. Neste anno, como é costume, houve toda a pompa nesta solemne religioza. De manhã orou o sr. padre Vicente Maria da Rocha, orador novel e talentoso. O seu discurso revella a applicação que tem á lição de bons livros, sobretudo aos melhores modelos dos oradores do pulpito. Auspiciamos que s. s.^a virá a ser um excellente ornamento da tribuna sagrada, senão descontinuar no seu aturado estudo. Orou de tarde o rv.^o prior da Vera-Cruz, cuja mestria é sabida e reconhecida por todos.

A muzica, dirigida pelo sr. Valerio, tambem concorreu para que aquelle acto se tornasse esplendido.

Ainda os falsos protectores. — Com que, a ida do sr. Firmino a Lisboa transtornou-nos os planos, e não podíamos conter o nosso despeito em vista da importancia, e valimento, que sua excellencia teve na arrematação dos bens das freiras de Jesus? São admiraveis! Estes embofias, que não peçam senão pelo seu arrojo e vaidade, que não tem outro merecimento se não o da trapaça, e o do cynismo com que querem impôr-se, julgam que ainda alguem acredita n'elles, e os reputa grandes personagens. Miseraveis farroupilhas, que causariam dó se não provocassem o asco!

Antes de mais devemos declarar ao *papelucho* do sr. Firmino, que não nos julgavamos obrigados a responder-lhe. Era ao jornal de Lisboa que nos dirigiamos, mas já que entendeu que devia vir em defeza do patrão, dir-lhe-hemos duas palavras. Duas só, porque nem mais elles merecem, nem nós queremos gastar cera com ruins defuntos.

Dizem que bem sabiam que estava a panelinha arranjada, a fim de ficarmos com tudo por dez réis de mel coado, insinuando que teriamos logrado o intento, que nos suppõem, se não fóra o acto heroico do eximio deputado! Fortes patetas. Então eramos nós os unicos pretendentes ás marinhas? Não havia mais ninguem que lançasse n'ellas? Para acreditar-se era necessario que se pudesse responder affirmativamente a estas duas perguntas. Se são capazes de tanto descaramento, elles mesmos que lhes respondam.

Mas havendo muitos e diversos pretendentes, como é aqui, e geralmente sabido, ainda era possivel que valesse d'alguma cousa a intervenção do *general de papelão*, se elle não fosse lançar unicamente por sua conta. Mas não foi. Levava na algebeira procuração de tres ou quatro individuos, que preferiam encontrar n'elle um procurador dedicado, e que sempre lhes ficava mais barato do que outro, a quem em Lisboa encarregassem o negocio. Ao deputado *procurador de causas perdidas* paga-se-lhe com uma tira de papel em occasião oportuna, como alguém tem dito, ou quando muito, com um presentito em dia de chá, ou em tempo de ramos. Ao de Lisboa tinham de pagar-lhe em dinheiro de contado. A preferencia é rasoavel.

Note-se, porém, que se o sr. Manuel não tivesse tão distincta consideração pelos interesses dos seus patricios, e se não dignasse aceitar as procurações, nem por isso os seus constituintes deixavam de as mandar, e as propriedades subiriam em todo caso ao valor que tiveram, por isso que com a procuração havia de ir necessariamente a cifra até onde cada propriedade podia ser elevada.

Não é assim? Talvez digam que o deputado Manuel excedeu as cifras das procurações unicamente para zelar os interesses do convento. Mas tomem tento, que se elle fez isso, foi mau procurador, e se lhe destroem a reputação por este lado, não lhe deixam outra, em que funde os seus direitos á cadeia.

A final de que serviu o sr. Manuel na arrematação? Serviu ou não de *general de papelão*? Impagaveis são realmente as palavras delles, que não gostaram da alculha, apesar de não ser posta por nós, e de saber que ella lhe é dada ali por toda a gente. Ora leiam: «*General de papelão*, elle que os tem derrotado em todos os recontros, que lhes tem provado a nullidade com que trabalham e discutem!» Parece que n'aquella casa ha uma irmandade de *papelões*. Todos são eguaes.

Quem os ouvir fallar assim hade imaginar que servem para mais alguma cousa, do que para feiç de feitos, mas a verdade é que elles tem feito mais do que aquillo para que Deus os chamou, aproveitando-se do desprezo em que os tem tido, e conserva muita gente á qual elles repetem hoje aquelle celebre rifão do «villão servido».

E os farcistas d'Odry—mais outro palavrão. Venha, que já temos registado uma calhamaçada delles. Procurem muitos, muitos, que nós cá estamos para os apanhar, e lançar no monturo das immundicies.

Basta por esta vez, mas cá fica o azurrague levantado para os zurzir na primeira occasião.

CORREIO

LISBOA 2 DE FEVEREIRO

(Do nosso correspondente.)

Terminou finalmente na sessão de sexta-feira a discussão que por tantos dias se prolongou na camara dos deputados.

O assumpto estava esgotado, já não apresentava novidade, e a paciencia da camara estava exhausta. Ainda assim naquella sessão concluiu o seu discurso o sr. Martens Ferrão, e orou o sr.

ministro das justicas, e o sr. Thomaz Ribeiro, deputado por Tondella.

Está em Lisboa um grande numero de pares. A opposição conta dar um cheque no governo, e este, segundo se diz, parece não receia perder a votação. Hontem me disse um par da maioria que o ministerio espera obter a victoria por trez ou quatro votos.

A commissão d'agricultura commercio e industria, a cujo exame está submettido o projecto sobre arrozacs, parece que não se conforma inteiramente com o trabalho apresentado pelo ministerio.

E' verdade que a commissão não teve ainda nenhuma conferencia com o governo; mas, não obstante, afirma-se que a commissão ou apresentará um projecto novo, ou proporá grandes modificações ao do ministerio.

No dia 30 do mez passado foram lançadas ao mar, com a maior felicidade, a corveta *Sá da Bandeira*, e a escuna *Napier*.

Foi um dia de verdadeira festa nacional. Não sei como dizel-o; mas é certo que, ao ver saltar-se um navio do estaleiro, percorrer garbosamente a carreira até entrar no mar, as lagrimas de satisfação rebentam instantaneas, e sente-se uma tal impressão de prazer e orgulho, a que não é licito resistir.

El-rei o senhor D. Luiz I e seu augusto Pae chegaram pelas duas horas da tarde, e quasi immediatamente á sua chegada, os dois navios salcavam o Tejo entre os vivas e estrepitosos applausos da multidão.

Nos olhos do sr. D. Luiz via-se uma alegria extraordinaria. O moço rei vestia o uniforme d'almirante, e mostrava-se no auge da satisfação. Logo depois dos navios terem entrado n'agua, el-rei mandou chamar o sr. conde de Linhares, que foi o zeloso, incansavel e intelligente director da construcção dos dois vasos de guerra, e deu a s. ex.^a as maiores demonstrações de jubilo, acompanhadas dos mais sinceros parabens tanto pelo acerto com que dirigira a obra, como pela fortuna que havia coroado os seus trabalhos.

Serviu-se um esplendido lanche, no qual tomaram parte mais de setecentas pessoas.

A festa não podia estar mais animada, nem correr melhor. A melhor e mais escolhida sociedade de Lisboa achava-se naquella occasião reunida no arsenal.

Assegura-se que brevemente será posta no estaleiro a quilha d'uma fragata, para ser construida pelo systema mixto. Consta-me tambem que logo depois da chegada da corveta *Damão*, navio construido ultimamente na India, será mandada para Inglaterra, a fim de ser serrada e adaptada para o systema mixto.

Parece que ha ideia de mandar um bom constructor para a India, a fim de ahi se fabricarem mais alguns navios. Queira Deus que tudo isto não fique em projecto, e que tratemos seriamente de recompôr a nossa marinha de guerra, que tanto o preciza.

Haja boa vontade e persistencia e tudo se fará. Sirva-nos d'exemplo a nossa vizinha Hespanha. Aquella nação que em 1847 tinha um simulacro de exercito e uma sombra de marinha, possui hoje um exercito numeroso, adestrado e aguerrido, e a sua marinha encontra-se hoje n'estado respeitavel, podendo levar a bandeira hespanhola a todos os pontos do mundo de companhia com as duas principaes nações maritimas da Europa.

O sr. deputado Antonio Venancio Daniel, tornou a adoeecer. No dia 31 houve grande alvoroço na praça de D. Pedro por causa daquelle cavalheiro, o qual ia dentro d'uma carruagem fazendo grande alarido, em consequencia do seu estado d'alienação mental.

A viuva e hospeda do celebre Judicibus da moeda falsa embarcaram no dia 31 no vapor *Zaire*, com destino para a Africa, onde vão cumprir a pena de degredo a que foram condemnadas. No mesmo vapor, foi tambem o francez implicado no mesmo crime e no do assassinato da rapariga, que tanto deu que fallar, mas cujo mysterio nunca foi descoberto.

As duas mulheres vão para Angola, e o francez para Benguela. O navio levou mais degradados para diversos destinos.

A sessão d'hontem foi quasi inteiramente dedicada a interpellações.

A mais importante foi a que diz respeito ao sr. barão de Moreira. Este funcionario, não obstante as ordens que recebeu do governo, não entregou no dia 1.^o de janeiro o consulado. O sr. Luciano de Castro, mostrando a incompatibilidade da conservação daquelle empregado, pediu instantemente para que fosse demittido. Tanto aquelle deputado, como os srs. visconde de Pindella e Rocha Peixoto, que tambem já tinham parte nesta questão, fizeram as mais terminantes declarações de que não acreditaram nas injustas e falsas arguições que tinham sido feitas contra a honra do sr. Avila.

O sr. ministro dos negocios estrangeiros deve estar muito lisongeadado com aquella homenagem, prestada á sua reconhecida honestidade, homenagem em que toda a camara se mostrou acorde.

Parece que o nosso consul geral no Rio de Janeiro não entregou ainda o consulado, por não ter encontrado pessoa idonea. Lembra-me o caso de Bertholdo em procura d'arvore para se enforcar.

Este negocio, pelos termos a que chegou, não pode deixar de ter uma resolução breve. Creio segundo o que hontem ouvi ao sr. Avila, que ella depende da apresentação do parecer do procurador geral da corôa, a quem está affecto o negocio. O ministro dos negocios estrangeiros quer ser imparcial, e faz bem.

MOVIMENTO DA BARRA Aveiro 31 de janeiro ENTRADAS

LISBOA.—Bateira port. Maria Christina, m. J. L. Leitão 7 pessoas de trip., a Locomotiva para os caminhos de ferro.

Entradas em 2 fevereiro

CAMINHA—Hiate port. Nova União cap. J. da Rocha, 7 pessoas de trip., lastro.

PORTO—Hiate port. E' Segredo cap. A. N. Ramizote, 7 pessoas de trip. lastro.

IDEM—Hiate port. Vintoroso cap. A. F. Pelicas, 7 pessoas de trip., lastro.

IDEM—Rasca port. Patuasca m. J. F. dos Santos, 7 pessoas de trip. lastro.

IDEM—Rasca port. Correo d'Aveiro m. J. Simoes 7 pessoas de trip. lastro.

IDEM—Rasca port, Victoria m. L. da Silva 12 pessoas de trip. ferro.

IDEM—Rasca port, Moreira m. A. Gomes, 7 pessoas de trip. lastro

PORTO—Rasca port, Senhora de Pilar, m. Silvestre da S. Murques, 9 pessoas trip, carvão de pedra

Saidas em 1 de fevereiro

GLASGOU = Vapor inglez Rebecca, cap. T. Butter, 14 pessoas de tripol. com fruta.

Entradas em 3

PORTO. Hiate portuguez. «Paquete d'Aveiro,» capitão J. da C. Freire, 9 pessoas de tripulação, vinho e ferro.

ANNUNCIOS

Por execução que move Joaquim Dias de Carvalho Brandão, aos herdeiros de Gabriel Martins Cupido, hão de arrematar-se no dia 16 de Fevereiro, ás dez horas da manhã, na sala do tribunal desta comarca: — Um casa onde vivia Gabriel Martins Cupido, com o resto de terra lavradia arvoredos de fructo e vinha, que parte do norte com o padre Luiz Ancháõ, e sul com o exequente sita no logar da Azenha de Baixo, avaliadas em rs. 10:000 attendendo ao estado de ruina, e fraca terra. — Escrivão, Moraes.

Pelo cartorio do escrivão Nogueira, correm editos de trinta dias a contar da data de 20 do corrente, chamando todos os credores certos e incertos que tenham direito ao producto d'arrematação que fez Serafim dos Santos Carvalho, do logar da Preza, a seu irmão Luiz dos Santos Carvalho, do mesmo lugar, residente em Lisboa, da terça parte d'um assento de casas e aido no mesmo logar, cujo producto se acha em depósito por execução que movia Guilherme José de Moraes, ao dito executado, Luiz dos Santos Carvalho, com a pena de que não comparecendo, serem lançados, e se julgar livre e desembargada a dita propriedade ao arrematante.

Pela direcção das obras publicas do districto d'Aveiro se faz publico, que no dia 16 do proximo mez de fevereiro, no edificio da secretaria da direcção das mesmas obras, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde, se hade proceder á arrematação da construcção do 1.^o lanço da estrada d'Arouca a Oliveira d'Azemeis, na extensão de 2:060.^m

Os respectivos desenhos, e cadaerno d'encargos estarão patentes no acto da arrematação; podendo tambem ser examinados na secretaria da direcção em qualquer dia não sanctificado, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde.

Aveiro 28 de janeiro de 1862.

Silverio A. P. da Silva
Engenheiro director.

PARA O RIO GRANDE DO SUL

A barca PAQUETE DO RIO GRANDE de 1.^a classe, vai sahir com muita brevidade, por ter o seu carregamento prompto. Recebe passageiros, a pagar aqui ou n'aquelle porto, e para os quaes tem excellentes commodos, e bom tratamento.

Caixa—Carlos Brandão, rua das Taipas n.^o 29 Porto.

Agentes em Aveiro—Pereira & Filhos.

RESPONSAVEL—M. C. da Silveira Pimentel.

Typographia do Districto d'Aveiro.